

ÁFRICA DO SULFRACASSARAM AS ABERTURA DE BOTHA

Os homens de negócios sul-africanos chegaram a Moçambique com boas intenções e esperançosos. Dois meses depois de Pretória ter assinado o tratado de paz com o Governo Marxista de Moçambique, o primeiro ministro, Pieter Botha, enviou a Moçambique um grupo de destacados homens de negócios para se inteirarem das possibilidades de Comércio e de investimentos. Os sul-africanos estavam a tentar cumprir as promessas de ajudar a reconstruir o país. Mas a delegação encontrou, depois de anos de estrangulamento económico por parte da África do Sul e de batalhas contra os guerrilheiros que Pretória tinha ajudado a equipar, Moçambique quase como um terreno deserto. "O Povo está à fome" disse, em Julho último, um membro do grupo. "Vai ser necessário um grande esforço internacional para pôr aquele país direito"

A missão a Moçambique era somente uma parte da actual campanha sul-africana em curso que visa melhorar a imagem internacional do país. Em Julho, Botha estava a meio de uma inesperada viagem à Europa Ocidental quando ele aproveitou a ocasião para lançar uma nova proposta para a solução do incomodativo beco sem saída que é a Namíbia. Ele disse ao chanceler alemão, Helmut Kohl, e ao primeiro ministro britânico, Margaret Thatcher, que a África do Sul estava preparada para retirar as suas tropas da Namíbia e permitir a realização de eleições livres no território, se as potências ocidentais concordassem em instalar no território uma força administrativa das Cinco Nações - e se Cuba retirasse, igualmente, os seus soldados de Angola. Os sul-africanos afirmaram estar a apresentar tal proposta com determinação, mas para o seu auditório tal proposta transportava consigo muitos "ses" para ser tomada com muita seriedade. Botha também fracassou nos seus esforços para negociar com os Governos da Europa Ocidental o seu plano de auxílio a Moçambique. O Primeiro Ministro tentou convencer os Europeus Ocidentais a fornecerem pelo menos, 70 milhões de dólares, em assistência económica, a qual disse de que Pretória poderia então ajudar a distribuir a Moçambique, mas, tanto o governo de Londres como o de Bonn disseram claramente que as suas ajudas económicas e financeiras seriam dadas directamente ao Governo de Maputo. Funcionários Europeus descreveram a proposta de Botha sobre Moçambique e Namíbia com uma única palavra: inaceitável. Pretória, disse um diplomata ocidental, estava a esforçar-se por tentar realizar um pouco mais do que um grosseiro exercício de propaganda.

Botha tinha desejado, claramente, obter pontos diplomáticos na sua viagem. Mas teimosos manifestantes anti-Apartheid perseguiram-no em quase todas as paragens que efectuou e, a maioria dos líderes da Europa Ocidental, ofereceram-lhe uma recepção fria.

O presidente francês, François Mitterrand recusou-se abertamente a reunir-se com Botha. Na altura em que a delegação sul-africana

na chegou a Bona, a frustração de Botha era evidente. Kohl rompeu o protocolo e recusou-se a apertar a mão ao líder sul-africano perante os fotógrafos. Até o sofá preto do chanceler, o local habitual para fotografias com dignatários estrangeiros, tinha sido retirado do Gabinete de Kohl.

Os sul-africanos conseguiram reter o seu sangue frio, por algum tempo, mas perderam-no depois de uma reunião com Hans-Jochen Vogel, líder do Partido Social Democrata na oposição e com o seu adjunto Horst Ehmke. "[Eles são] dois autómatos", ripostou Roelof (Pik) Botha depois de Vogel e Ehmke terem criticado o tratado de Pretória com Moçambique como sendo "o entrincheiramento do Apartheid". [Pik] Botha disse: "eles julgaram a África do Sul sem nunca terem estado lá".

A maioria dos líderes da Europa Ocidental aproveitou a visita de Botha para pressioná-lo a eliminar o Apartheid e deram muito pouco crédito às suas aberturas diplomáticas. Segundo se diz, Thatcher divertiu-se com a proposta de oferta da Namíbia, e um funcionário da Alemanha Ocidental classificou-a de "uma proposta não importante". Os Europeus insistiram que o único curso a seguir era o da resolução 435 das Nações Unidas, a qual exige a retirada das tropas sul-africanas, seguidas de eleições livres supervisionadas pela ONU. A "viagem de negócios dos sul-africanos" a Moçambique criou muito menos entusiasmo do que o plano de Botha para Namíbia. O Primeiro Ministro desejava que o acordo, por ele assinado com o presidente Samora Machel, pudesse desobstruir o caminho para o aumento do intercâmbio comercial com a África Negra. Mas, quando os homens de negócios sul-africanos chegaram a Moçambique encontraram um país destruído pela seca, pelo sofrimento causado pela fome e pela guerra civil. Cedo eles compreenderam que as habituais ofertas de investimentos estrangeiros parecem ser evidentemente absurdas. Mas, alguns dos homens de negócios, também viram que tal falta de ajuda a Moçambique poderia voltar-se contra Pretória. "O Povo de Moçambique está excitado pelo auxílio que ele pensa que está prestes a aparecer como resultado da assinatura do acordo" disse Derek (Buddy) Hawton, chefe do Departamento de operações da Rennies Consolidated Holding, uma das maiores empresas sul-africanas. A não ser que estas expectativas sejam concretizadas mesmo que parcialmente, o resultado poderia ser o redistanciamento entre os dois países. A mensagem parece aplicar-se, igualmente, à política de Pretória relativamente à Namíbia: Botha terá de ir muito mais longe do que ele até aqui já foi se ele deseja provar que as suas intenções são assim tão honestas como ele gostaria que o Mundo acreditasse.

NW1984-06-18